

Congos, Minas, Pretos, Crioulos e Pardos: sobre a pia batismal o estabelecimento de vínculos parentais e de sentidos à vida. Desterro, 1850/1891

Cláudia Mortari Malavota¹, Vinicius Pinto Gomes², Bruno Carrari Costa³, Mariah Amanda da Silva⁴.

Palavras-chave: Vínculos Parentais, Populações de Origem Africana, Diáspora.

Este artigo tem como objetivo evidenciar os vínculos parentais estabelecidos por escravos, libertos e livres de procedência africana, sujeitos de diferentes categorias sociais e origens étnicas, no contexto de uma cidade portuária ao Sul do Brasil: Nossa Senhora do Desterro, localizada na Ilha de Santa Catarina. Os registros de batismo da segunda metade do século XIX fornecem dados de que as populações de origem africana estabeleceram seus vínculos parentais, de consanguinidade e de compadrio. Os primeiros resultaram na formação de famílias nucleares, compostas por pai e mãe, e de famílias matrifocais compostas por mães e filhos. Os segundos possibilitavam, através da figura do padrinho e da madrinha, construir relações de proteção e ajuda mútua. Partimos do princípio de que o estabelecimento de vínculos parentais constitui, num contexto escravista, uma maneira de criar esperanças e de possibilitar a sobrevivência. As populações de origem africana ao criarem seus vínculos parentais, conferiram sentido às suas vidas e marcaram de forma significativa o espaço social em que viviam.

¹ Orientadora, Professora do Departamento de História FAED – UDESC – endereço de e-mail claudiammortari@gmail.com

² Acadêmico(a) do Curso de História FAED – UDESC, PROBIC/UDESC.

³ Acadêmico do Curso de História FAED – UDESC.

⁴ Acadêmico do Curso de Geografia FAED – UDESC.